

ÉTICA NO JORNALISMO: A RELAÇÃO ENTRE REPÓRTER E FONTE POR MEIO DO LIVRO *O JORNALISTA E O ASSASSINO*, DE JANET MALCOLM

Linha Temática 1: Jornalismo

MARIA DE FÁTIMA BANDEIRA DE SOUZA¹;

JAIRO FELIPE ARAÚJO DE OLIVEIRA²;

NATHACHA ALBUQUERQUE AMARAL³;

Universidade Federal do Acre (UFAC)

Resumo: O presente artigo busca fazer uma discussão sobre a ética no jornalismo utilizando como objeto de estudo o livro *O Jornalista e o Assassino*, escrito pela repórter Janet Malcolm. A obra foi publicada em 1990 e é resultado de um artigo divulgado na revista *The New Yorker*. Malcolm narra o caso MacDonald-McGinniss, ocorrido nos Estados Unidos, entre os anos 1970 e 1980, em que o médico do exército, Jeffrey MacDonald, condenado a prisão perpétua pela morte de sua esposa grávida e de suas duas filhas pequenas, entra na justiça contra o jornalista Joe McGinniss, que escreveu um livro sobre ele. Tal publicação, intitulada *Fatal Vision*, condenava o médico pelo assassinato e o retratava como um psicopata. Este trabalho pretende promover uma reflexão acerca da relação entre repórter e fonte e o jogo de interesses presente nessa relação. Além disso, os procedimentos jornalísticos empregados para conseguir uma informação e a utilização do princípio da liberdade de imprensa e de expressão como justificativa para uma conduta antiética por parte dos jornalistas, também serão questões abordadas. A fundamentação do artigo será feita por meio dos autores Eugênio Bucci, Felipe Pena, Francisco José Karam e Rogério Christofolletti.

Palavras-chave: Jornalismo; Ética; *O Jornalista e o Assassino*

O livro *O Jornalista e o Assassino*, da escritora Janet Malcolm, foi publicado em 1990, e é resultado de um artigo divulgado em duas partes na revista *The New Yorker*. A obra realiza um debate sobre a ética no jornalismo abordando a relação entre repórter e fonte a partir do caso MacDonald-McGinniss. O caso começa em 1970, quando a esposa grávida, Colette MacDonald, e as duas filhas pequenas de Jeffrey MacDonald, médico do exército, são brutalmente assassinadas, no apartamento da família, na Carolina do Norte. O médico é acusado pelo crime, mas acaba sendo absolvido por um tribunal do Exército. Entretanto, sua versão de que três homens e uma mulher invadiram o local com porretes e facas e cometeram

¹ Maria de Fátima Bandeira de Souza, estudante do 8º período do curso de Comunicação Social/Jornalismo.

² Jairo Felipe Araújo de Oliveira, estudante do 8º período do curso de Comunicação Social/Jornalismo.

³ Nathacha Albuquerque Amaral, estudante do 8º período do curso de Comunicação Social/Jornalismo.

os assassinatos não é bem aceita, uma vez que ele era testemunha ocular do crime, mas não soube dizer o porquê de não haver vestígios de intrusos no apartamento.

Algum tempo depois, MacDonald concede uma entrevista em um programa de televisão no qual critica o tratamento que recebeu das autoridades militares em seu primeiro julgamento. Durante o programa, o médico quase não menciona a família morta nem demonstra aparentar sofrimento, o que chama a atenção de muitos espectadores, entre eles, o padrasto de Colette, Freddie Kassab, que se volta contra o genro. No ano seguinte, após tentativas de Kassab de reabrir o caso, o Departamento de Justiça reúne provas suficientes para levar MacDonald a um julgamento.⁴

No livro, Janet Malcolm diz que, nos oito anos entre um julgamento e outro, MacDonald levava uma vida “que não parecia ter sido afetada nem pela perda da família, nem pela sombra da suspeita que o acompanhara desde o dia dos assassinatos”. (MALCOLM, 2011, p. 23). Jeffrey se tornara diretor de um hospital, vivia em um apartamento à beira-mar e frequentemente levava amigos e namoradas para passear em seu barco chamado *Recovery Room* (Sala de Recuperação).

O médico e seu então advogado, Bernard Segal, tentaram por vários anos que escritores se dispusessem a escrever a história de MacDonald, pois a venda dos livros poderia trazer o dinheiro necessário para a defesa. Os escritores Edward Keyes e Joseph Wambaugh chegaram a ser abordados para produzir o livro, mas não aceitaram. Algum tempo depois, em 1979, o jornalista Joe McGinniss procurou MacDonald para fazer uma entrevista para sua coluna em um jornal. É aí que o médico propõe que o jornalista assista ao julgamento e escreva um livro sobre o caso do ponto de vista da equipe de defesa.

Joe McGinniss é um jornalista que ficou famoso pelo livro *The selling of the president* (A promoção do presidente). A obra aborda os bastidores da campanha de Richard Nixon para a presidência dos Estados Unidos, em 1968. Para produzir o livro, McGinniss foi aceito na agência de publicidade que cuidava da campanha política e teve acesso a todas as técnicas utilizadas para que se promovesse a imagem do candidato. No caso do julgamento de MacDonald, McGinniss teria uma posição parecida: passaria a fazer parte da equipe de defesa e saberia de todas as estratégias adotadas para provar a inocência do médico.

A partir do momento em que o jornalista aceita escrever o livro, tem início o enredo que vai nortear a obra de Janet Malcolm: o jogo de interesses presente na relação entre repórter e fonte. Em 1980, MacDonald é condenado a prisão perpétua. O médico acreditava que o livro pudesse inocentá-lo do assassinato de sua família, dessa forma, deu ao jornalista total acesso a sua casa e aos arquivos do processo, além de se corresponder com este por quase quatro anos. McGinniss, por sua vez, aparentemente oferecia sua amizade e se tornou um confidente do acusado, buscando sempre obter os pormenores da história para o livro.

Quando enfim o livro é publicado, em 1983, sob o título de *Fatal Vision* (Visão Fatal), e faz sucesso, MacDonald descobre que a obra o retrata como um assassino psicopata. De acordo com Malcolm (2011), “por quase quatro anos – durante os quais ele se correspondeu com MacDonald, falou com ele pelo telefone, recebeu as fitas dele, visitou-o – ele conseguiu ocultar o fato de que o livro em preparação retratava MacDonald como um matador” (MALCOLM, 2011, p. 35).

Como reação ao que foi publicado, Jeffrey MacDonald move um processo na justiça contra o jornalista, alegando que “a ‘integridade essencial’ da sua biografia não fora mantida

⁴ Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2013/04/1265515-jeffrey-macdonald-cometeu-os-homicidios-de-fort-bragg.shtml>> Acesso em 07 jul 2014.

no livro de McGinniss, e que este era culpado de uma espécie de assassinato da alma, pelo qual teria que prestar contas” (MALCOLM, 2011, p. 27). Após algumas audiências, o caso seria decidido apenas por unanimidade, mas os jurados não chegaram a uma conclusão. Assim, McGinniss entrou em um acordo e aceitou pagar 325 mil dólares a MacDonald.

Relação entre repórter e fonte

Segundo o autor Rogério Christofolletti (2008), um dos principais dramas para os jornalistas é gerenciar as distâncias entre suas fontes sem desviar da função que dizem desempenhar. A reflexão sobre os limites na relação entre repórter e fonte é o principal aspecto presente no livro de Janet Malcolm. O jornalista Joe McGinniss aceita escrever um livro sobre o médico Jeffrey MacDonald e, durante sua produção, mantém uma relação de confiança com seu entrevistado. O escritor tornou-se membro da equipe de defesa do médico no julgamento por assassinato, o visitava frequentemente e, após a condenação deste, passou a se corresponder com o seu personagem e teve acesso liberado a sua casa e aos arquivos do processo.

O compromisso de escrever um livro foi iniciado em 1979 por meio de uma carta contendo algumas cláusulas que asseguravam que o entrevistado não moveria uma ação contra o jornalista caso não concordasse com o que foi escrito. Entretanto, o advogado do médico acrescentou que um processo não seria realizado contanto que a integridade essencial da obra fosse mantida. Além de obter dinheiro para sua defesa, MacDonald pretendia que o livro pudesse comprovar que ele era inocente do assassinato de sua família.

A partir daí, MacDonald fornece a McGinniss inúmeras informações para compor o livro. Por sua vez, o jornalista tenta obter todo o tipo de informação para que ele pudesse retratar o seu personagem. Entretanto, durante o processo de produção do livro, McGinniss convence-se de que seu entrevistado realmente é o autor dos assassinatos. Ao invés de contar a ele sua concepção e questioná-lo sobre isso, o jornalista continua a se corresponder com seu personagem fazendo com que este seja levado a pensar que McGinniss acreditava em sua inocência e estava escrevendo o livro que o salvaria.

Janet Malcolm (2011) transcreve no livro alguns trechos das cartas de McGinniss a MacDonald. Em algumas das cartas, McGinniss escreve que, após o julgamento, “uma das piores coisas nisso tudo foi a maneira como, súbita e totalmente, todos os seus amigos – inclusive eu – fomos privados do prazer da sua companhia (MALCOLM, 2011, p. 41). Já em outras correspondências, McGinniss fala um pouco sobre o mundo editorial e insiste para que MacDonald não dê entrevistas para outros escritores que pretendem falar sobre o caso. Em outra correspondência, McGinniss brinca dizendo que nenhum condenado pode deixar de ter um livro sobre o seu caso, porém, “não parece direito escrever a palavra ‘condenado’ em relação a você e tenho imensas esperanças de que essa fase chegue a um final rápido e misericordioso (...) com a concessão da condicional” (MALCOLM, 2011, p. 41)

É possível perceber que o jornalista cria em MacDonald expectativas de que o livro conte sua história e resolva seus problemas. Daí o choque quando, em um programa de televisão, o médico lê pela primeira vez *Fatal Vision* e percebe que este o retrata como um assassino. A publicação do livro tinha um objetivo de atender apenas a um jogo de interesses privados do repórter e da fonte, não o interesse público pelo qual deve se pautar o jornalismo. Nesse caso, essa relação extrapolou os limites. Segundo Christofolletti (2008), as fontes são primordiais para o jornalismo, mas deve-se aproximar-se delas o suficiente para extrair o que se interessa e estar distante para não se confundir com a notícia.

Não existe uma só maneira de lidar com as fontes, afinal elas são distintas, bem como os repórteres que as procuram e as condições em que se encontram. O fato é que não se faz jornalismo sem fontes de informação, assim como não se tem notícias sem apuração, checagem sem dados e confirmação de versões. (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 41)

Um jornalista sabe exatamente o que procura de uma fonte. McGinniss, aproveitando-se da relação que tinha com MacDonald, sabia onde procurar as informações e o que perguntar para que embasasse sua opinião expressa no livro. Mas o médico não fazia ideia de que seria retratado de forma contrária aos seus interesses, aliás, como fonte, não sabia exatamente o que o jornalista queria dele. Christofolletti (2008) afirma que não há distância segura na relação entre repórter e fonte e os repórteres é que vão dar a medida dessa relação. O autor acrescenta:

Nunca é demais lembrar: as relações com as fontes não são de amizade, mas sim relacionamentos profissionais, moldados por interesse dos dois lados. Jornalistas querem informação; fontes querem dar suas versões, vê-las em público. Jornalistas devem orientar seus esforços pelo interesse público, que muitas vezes colide com os desejos das fontes de informação, geralmente guiadas por interesses privados. Essa é, portanto, uma relação tensa ou que pode vir a sê-la (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 43)

Procedimentos jornalísticos

Dentre os questionamentos realizados em sua obra, Francisco José Karam (1997), indaga se “é problema ético qualquer método para obter informação” (KARAM, 1997, p. 46), bem como se há um único padrão para a cobertura jornalística ou uma única forma de contar os fatos. Em *O Jornalista e o Assassino* é possível perceber que Joe McGinniss já possui concepções predefinidas e, à medida que obtêm as informações e apura a história, apenas reafirma a opinião que já tinha no início: MacDonald é culpado pelo assassinato da família.

Joe McGinniss realiza um percurso para comprovar sua visão. Ao ganhar a confiança de seu personagem, o jornalista tem acesso aos arquivos do médico e encontra fatos que podem explicar o porquê de MacDonald ter matado sua esposa e suas filhas. Janet Malcolm apresenta esses fatos durante sua narrativa. O primeiro deles é um relato escrito por MacDonald para seus advogados listando o que fizera na noite dos assassinatos. Nesse relato, o médico menciona que talvez tenha tomado um comprimido de *Eskatrol*, um moderador de apetite. Como estava participando de um programa de controle de peso, é provável que tenha tomado de três a cinco cápsulas do remédio. Ao consultar textos farmacêuticos, o escritor descobre que o comprimido pode induzir a estados psicóticos se tomado em doses altas.

De um modo que não deixava de ser plausível, McGinniss interpretou “de três a cinco cápsulas” como querendo dizer de três a cinco cápsulas por dia, o que é uma dose excessiva, e passou disso à proposta, feita em *Fatal Vision*, de que MacDonald havia matado a esposa e as filhas em um acesso de raiva – raiva contra o sexo feminino, que ele estivera reprimindo desde o início da infância e que a droga (combinada ao estresse, à fadiga e às ameaçadoras “novas intuições” de Colette MacDonald “sobre a estrutura da personalidade e os padrões de comportamento”, obtidas no curso de psicologia que ela estava fazendo e do qual acabara de chegar)” finalmente permitiu que ele trouxesse à tona. (MALCOLM, 2011, p. 33)

Segundo Malcolm (2011) McGinniss, em seu livro, omitiu a frase “e não acho que tenha tomado”, escrita por MacDonald, que mantém a dúvida se ele tomou ou não o comprimido na noite em que ocorreram as mortes.

Outro argumento utilizado por McGinniss é a análise feita em MacDonald pelos psiquiatras Kernberg e Lasch, segundo os quais o médico é um “psicopata narcisista”. Para Malcolm (2011), essa foi uma forma que o jornalista encontrou para lidar com o fato de que o seu personagem não era “pronto e acabado” assim como outros protagonistas de obras não ficcionais.

No julgamento pelo crime, a promotoria argumentou que não cabia a ela demonstrar que MacDonald era o tipo de pessoa capaz de ter cometido os crimes – tinha apenas que demonstrar que ele os tinha de fato cometido – mas aquilo era precisamente o que McGinniss, enquanto romancista de não ficção *tinha* que demonstrar. O meio que adotou foi citar longos trechos das descrições feitas por Kernberg e por Lasch das suas vívidas personagens, os narcisitas patológicos, com a evidente intenção de transferir algo da aura dessas personagens para MacDonald – e de, por extensão, fazer com que a interessante repugnância das personagens (...) se tornasse parte da personagem dele. (MALCOLM, 2011, p. 76)

McGinniss também descobre outra situação passada por MacDonald: pouco tempo depois de ter sido absolvido no julgamento do Exército, ele recebe a visita de uma amiga de sua mãe. Os dois vivem um caso amoroso que não dura muito, devido a dois incidentes envolvendo seu filho, então com dez anos. A primeira vez, irritado com o comportamento do menino, MacDonald o pendura pelos pés no cais. A segunda vez se deu quando o garoto, sua mãe e o médico passeavam de barco. O menino fez algo que irritou MacDonald e este, em tom ameaçador, disse que agarraria a cabeça do garoto e a seguraria na frente do barco para que fosse esmagada. Essa situação foi destacada no livro de McGinniss, uma vez que o médico não era conhecido por ter um temperamento difícil. “Trata-se do único e indelével exemplo de raiva assassina da parte de MacDonald” (MALCOLM, 2011, p. 129)

A utilização desses fatos como explicação para que MacDonald tenha assassinado sua família mostra que McGinniss tentou ajustar as descobertas que fazia do caso a sua concepção e ao objetivo que queria atingir com o livro. A obra *Fatal Vision* influenciou a opinião de muitas pessoas em relação ao caso, uma vez que estas julgavam conhecer o acusado por terem lido o livro. Entretanto, é necessário levar em consideração as consequências que a divulgação de informações pode gerar para aqueles estão envolvidos no assunto. Ainda que um dia seja inocentado, MacDonald “não será capaz de apagar a história de McGinniss”. (MALCOLM, 2011, p. 140). É o que pode ser comprovado na fala de Bucci (2000):

Não há como fugir à responsabilidade. O êxito, por si, não torna eticamente aceitável a conduta daquele que age para atingir um fim. O jornalista não age para obter resultados que não sejam o de bem informar o público; ele não tem autorização ética para perseguir outros fins que não este. Além disso, é cada vez mais chamado a pensar nas consequências do que pratica. (BUCCI, 2000, p. 24)

Dessa forma, é necessário questionar a utilização de métodos jornalísticos para fins diferentes do interesse público. McGinniss se aproveitou da relação de amizade que mantinha com MacDonald e a disposição deste em lhe transmitir todos os aspectos de sua vida e do processo criminal, para escrever um livro que corrobora com a visão que ele, jornalista, tinha dos fatos. Também é possível pensar que se o repórter acreditasse na inocência do médico, o

livro poderia ter um enfoque diferente e até não ter sido um sucesso de vendas. Porém, a conduta do jornalista deve se pautar pela busca da verdade dos fatos e pelo interesse público em detrimento de interesses particulares.

Liberdade de expressão ou conduta antiética?

Os jornalistas, muitas vezes, partem do princípio constitucional da liberdade de expressão e da liberdade de imprensa para justificar determinadas matérias que suscitam um debate ético, ou que mesmo são produzidas a partir de uma conduta antiética do profissional. Na situação abordada em *O Jornalista e o Assassino*, durante o processo judicial que MacDonald moveu contra McGinniss, é citada a Primeira Emenda à Constituição dos Estados Unidos, que garante o direito a liberdade de expressão. Entretanto, é importante levar em consideração que houve uma postura antiética por parte do jornalista.

Ainda que o “crime” de McGinniss tenha sido menor do que o cometido por MacDonald, deve-se atentar para o fato de que o julgamento era a ética no jornalismo (ou, principalmente, o fato de MacDonald ter se sentido traído por um “amigo”) que foi posta em discussão. É necessário que os jornalistas busquem um ponto de equilíbrio, ressaltando os limites éticos do fazer jornalístico como também os aspectos legais.

No embate entre liberdade de imprensa e tutela à honra, à imagem, à vida privada e à intimidade, faz-se necessário analisar quais os valores sob discussão. Provar essa liberdade é tão importante como defender o direito de usar as palavras, de publicar, de esclarecer, debater e procurar insistentemente pela verdade procurando apenas encontrar a medida certa da limitação a fim de evitar qualquer tipo de arbitrariedade, não esquecendo, no entanto das consequências trazidas por tal direito, assim como a responsabilidade sobre as publicações.

Quando o repórter dá uma amplitude exaurida em torno das informações colhidas e nos depoimentos daquele que foi acusado de determinado crime, traz danos ainda maiores para a sequência do julgamento judicial, em virtude da maculação que causou à imagem daquele indivíduo, motivo que assegura concretamente na maioria das vezes a condenação do jornalista, haja vista mesmo que absolvido os danos causados, muitas vezes são irreparáveis. “No jornalismo, não há fibrose. O tecido atingido pela calúnia não se regenera. As feridas abertas pela difamação não cicatrizam. A retratação nunca tem o mesmo espaço das acusações”. (PENA, 2008, p. 113)

A questão ética no jornalismo permeia os meios de comunicação e caminha lado a lado com a profissão, o que representa, incontestavelmente, um enorme passo para o fim da má atividade jornalística, uma vez que somente se viabiliza através dos incessantes debates a ampliação do senso ético e moral, o que resguarda um fazer jornalístico com maior responsabilidade. É dever do jornalismo ser correto e ético, mas também é imprescindível que seja feito com responsabilidade, sendo pressuposto fundamental para o exercício da atividade, nesses termos, assumindo o papel de respeito com a cidadania.

Considerações Finais

É preciso situar a potencialidade das informações e os limites do exercício profissional do jornalista, tendo em mente sempre os danos causados a terceiros, mas, ao mesmo tempo, apontar as particularidades dos conflitos entre a liberdade de imprensa e o direito à honra, além do papel fundamental de mediação social da realidade que os profissionais devem ter como desafio.

O interesse público deve ser o norteador das ações do jornalista. Não é possível conceber um jornalismo pautado por interesses individuais. No caso abordado pelo livro, o jornalista McGinniss fez uso de procedimentos jornalísticos para construir seu livro. Entretanto, o profissional não produziu sua obra pensando em relatar a verdade dos fatos, mas buscou nos arquivos dos processos e nas informações que obtinha argumentos que sustentassem sua concepção particular sobre o personagem.

O livro ainda mostrou que é necessário refletir sobre a relação entre repórter e fonte, uma vez que esta deve ser de cunho profissional. Há sempre um jogo de interesses, já que o jornalista necessita da fonte para obter as informações e as fontes sempre buscam repórteres que espera que relatem seu ponto de vista. Assim, é preciso um distanciamento para que o fazer jornalístico não seja deixado de lado.

Nem todos os métodos para comunicar-se repercutem em benefícios para sociedade e quando promove dúvidas negativas, comprova-se que foram em informações em que o informante foi parcial, ou seja, defendeu apenas um lado do fato deixando outras versões no anonimato.

Referências

ANDREW, Anthony. **Jeffrey MacDonald cometeu os homicídios de Fort Bragg?** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2013/04/1265515-jeffrey-macdonald-cometeu-os-homicidios-de-fort-bragg.shtml>> Acesso em: 07 jul 2014.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, Ética e Liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.

MALCOLM, Janet. **O Jornalista e o Assassino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.